

A bovinidade e as suas consequências para a humanidade- Análise crítica do livro de ficção "Holy Cow" (Duchovny, 2016)

Bovine and its consequences for humanity- Critical analysis of the fiction book "Holy Cow" (Duchovny, 2016)

Bovinidad y sus consecuencias para la humanidad - Análisis crítico del libro de ficción "Holy Cow" (Duchovny, 2016)

Recebido: 22/06/2020 | Revisado: 27/06/2020 | Aceito: 02/07/2020 | Publicado: 18/07/2020

João Paulo Novelletto Pisa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7728-9293>

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

E-mail: joaopisamdv@gmail.com

Sharon Muriel Zantut Jansen

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1122-0979>

Médica Veterinária, Alemanha

E-mail: norahsjansen@hotmail.com

Denise Pereira Leme

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9850-6979>

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

E-mail: Denise.leme@ufsc.br

Resumo

Zooliteratura é um termo que se refere aos textos que abrangem de diferentes formas os animais presentes em obras literárias. A literatura permite criar figuras de linguagem, metáforas e histórias que contribuem com a construção do intelecto e da sociedade. Com o objetivo de realizar uma análise crítica do livro *Holly Cow*, obra de David Duchovny foram selecionados trechos que podem provocar a reflexão ética, e que englobam a subjetividade animal e a caracterização do ser bovino (bovinidade), caracterizando um trabalho qualitativo e multidisciplinar de análise literária. A protagonista Elsie, uma vaca leiteira de uma pequena fazenda familiar, passa a questionar sua identidade e o caráter humano após conhecer o mundo que existe fora de sua fazenda e como os animais de produção são utilizados para o benefício dos humanos e da humanidade. Conclui-se que nesta obra literária, escrita a partir da visão da protagonista, pode-se ter uma visão mais profunda da subjetividade dos animais e

a reflexão da ética humana sobre os animais, que a interação entre humanos e animais pode ser capaz de influenciar e alterar de forma negativa seus comportamentos e animalidades.

Palavras-chave: Bem-estar animal; Bovinocultura leiteira; Bioética.

Abstract

Zooliterature is a term that refers to texts that cover the different forms of the animals present in literary works. The literature allows figures of speech, metaphors and stories that contribute to the construction of intellect and society. In order to carry out a critical analysis of the book *Holly Cow*, David Duchovny's work, excerpts of this text were selected to provoke ethical reflection, encompass animal subjectivity and the characterization of the bovine being (bovinity), characterizing a qualitative and multidisciplinary work of literary analysis. The protagonist Elsie, a dairy cow from a small family farm starts to question her identity and the human character after learning about the world that exists outside her farm, and how farm animals are used for the benefit of the humans and the humanity. It is concluded that in this literary work written from the protagonist's point of view, one can have a deeper view of the subjectivity of animals and the reflection of human ethics about animals, the interaction between humans and animals may be able to influence and change negatively the way of the behaviors and animalities of the humans.

Keywords: Animal welfare; Bioethics; Dairy cattle.

Resumen

Zooliteratura es un término que se refiere a textos que cubren las diferentes formas de animales presentes en las obras literarias. La literatura permite la creación de figuras retóricas, metáforas e historias que contribuyen a la construcción del intelecto y la sociedad. Para llevar a cabo un análisis crítico del libro *Holly Cow*, el trabajo de David Duchovny, se seleccionaron extractos que pueden provocar una reflexión ética, y que abarcan la subjetividad animal y la caracterización del ser bovino (bovinidad), que caracteriza un trabajo cualitativo y multidisciplinario de análisis literario. La protagonista, Elsie, una vaca lechera de una pequeña granja familiar, comienza a cuestionar su identidad y su carácter humano después de aprender sobre el mundo que existe fuera de su granja y cómo los animales de granja se utilizan para el beneficio de la humanidad. Se concluye que en esta obra literaria escrita desde el punto de vista del protagonista, se puede tener una visión más profunda de la subjetividad de los animales y el reflejo de la ética humana sobre los animales, que la interacción entre humanos y animales puede influir y cambiar en un de manera negativa sus comportamientos y animalidades.

Palabras clave: Bienestar animal; Bioética; Ganado lechero.

1. Introdução

Zooliteratura (ou estudos animais) é uma área de estudo sobre textos que abrangem as diferentes formas dos animais presentes em obras literárias. Ela tem como características a interdisciplinaridade e a dialética entre as ciências humanas e naturais. Seu principal objetivo é fazer refletir sobre o “outro”, humano ou animal (real ou fictício), o antropomorfismo animal, a animalidade, o devir-animal e as todas as suas inter-relações (Guida, 2011; Junqueira 2013; Maciel, 2011). A animalidade é o ser animal (Guida, 2011) e devir-animal é, o humano numa transformação para o animal, onde se tem a visão racional do humano para uma volta do seu ser animal. E as artes se tornam um modo de discutir isto (Nabais, 2009; Vasconcellos, 2005). Porém, os animais também passam por mudanças para servir para o ser humano, que pode significar prejuízos para eles e seus comportamentos (Broom & Fraser, 2010).

Freud utilizava muito da literatura para a formação da psicanálise (Teixeira, 2005). Com ela é possível criar figuras de linguagem, metáforas e histórias que servem como analogias para os conceitos da prática clínica e teórica do psicanalista, além de ser uma forma de identificar o inconsciente, vendo este outro em sua totalidade, não como uma mera doença. O pai deste campo se considerava um homem das letras com aparência de escritor (Rosenbaum, 2011). Por conta disto, este trabalho tem como objetivo fazer uma análise crítica da obra de David Duchovny, para compreender a animalidade bovina da protagonista da obra e as consequências para o campo da ética e do bem-estar animal, assim como para os seus leitores.

2. Metodologia

A leitura do Livro Holly-Cow- Uma fábula animal foi feita pelo autor principal deste estudo, sendo destacados trechos que englobam a subjetividade animal, a caracterização do ser bovino (Bovinidade) e trechos que podem provocar a reflexão ética. Após, foram selecionados alguns deles como base de uma revisão de literatura científica que contribuísse para os objetivos do artigo, considerando uma análise crítica da obra. Portanto, trata-se de um trabalho qualitativo de análise literária e multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar do ponto de vista das ciências animais e humanas e da filosofia por conta da ética.

3. Resultados e Discussão

Leitura e interpretação da obra

A obra *Holly Cow - Uma fábula animal* (Duchovny, 2016) conta a trajetória da vaca Elsie em descobrir o seu verdadeiro “Eu”, ou, a sua bovinidade. Ela vivia feliz com sua amiga, a vaca Mallory na fazenda, onde que ela tinha espaço para pastar. Exceto por um dos filhos do dono do fazendeiro, ela era bem tratada. Porém, um dia ela e sua melhor amiga quiseram conhecer os touros da fazenda, e nesta saída, ela vai até a casa de seu tutor e vê no Deus-Caixa (Televisão), que mostrava como os animais eram tratados e utilizados pelo ser humano, como galinhas em gaiolas e bovinos sendo abatidos. Elsie, traumatizada com o que vira, passou a se questionar sobre si e sobre o caráter dos seres humanos. Em certo momento da história, ela descobre que na Índia as vacas são sagradas, despertando-lhe o desejo de ir para este país. E nesta jornada foram com ela um porco e um peru, que também queriam fugir dos seres humanos.

David Duchovny é um ator que conseguiu notoriedade nas séries televisivas *Arquivo X* e *Californication*. Além disso é músico, roteirista, produtor e tem graduação e mestrado em literatura. Este livro foi escrito em primeira pessoa, como se fosse a vaca descrevendo sua história. Então, o escritor se coloca como um coautor/cow-autor (Duchovny, 2016), da mesma maneira como os autores das obras de *Beleza Negra* de Anna Sewell (2015) e *Cavalo de Guerra* de Michael Morpurgo (2011). Para Baratay (2015), por muito tempo os animais foram apenas objetos, mas atualmente se faz necessário que o ser humano se coloque no lugar do animal para compreendê-lo e melhorar a relação humano-animal. Além disso, pode-se extrapolar mais sobre a subjetividade dos animais, como as capacidades cognitivas, emocionais, percepção do comportamento animal e a possibilidade de provocação sobre a reflexão da ética com o modo que os seres humanos utilizam os animais (DeMello, 2013; Middelhoff, 2017).

Uma possível interpretação desta obra é vista a partir da alegoria do mito da caverna de Platão (Queirós, 2008), esta interpretação também foi identificada por Garim e Montoito (2019). Assim como o pensamento do filósofo grego, Elsie vivia em uma caverna, tendo a visão da realidade muito limitada, mas ao sair de seu piquete, ela descobre a realidade e que os seres humanos fazem com animais como ela, o que fez ela pensar e querer mudar de vida. Ela também tenta mostrar a realidade para sua amiga Mallory, que prefere viver ainda na realidade da fazenda, pois não conhece nenhuma outra. Esta antropomorfização pode ser uma

metáfora para o ser humano, como também um meio de educação para a construção de conhecimento a partir das ideias do sociólogo Edgar Morin (Garim & Montoito, 2019). Entretanto, o tema principal do enredo ainda parece ser a busca pelos direitos dos animais e sua reflexão ética, pois o livro escrito a partir da visão da protagonista bovina pode ser de sugerir à sociedade e às pessoas a reflexão e o pensamento, com isto, um caminho para saírem da ignorância, que são os objetivos desta alegoria de Platão. Mas, ainda sugere fazer algo a partir disso, uma mudança de hábitos. Os leitores podem se comparar com os personagens dos livros, podendo ser tanto a Elsie como a Mallory. Pois, conforme Lacan escreve, o outro pode ser uma forma de espelho para nós (Brauer, 1994), o que é uma das facilidades que a literatura propõe à psicanálise, a de se colocar no lugar do outro como se fosse o outro (Rosenbaum, 2011). Esta questão se aproxima mais do que parece ser o objetivo do autor humano, em seu devir-bovino, provocar quem lê a obra e fazer com que a pessoa se coloque no lugar da protagonista animal, a vaca Elsie.

Subjetividade bovina

A obra já se inicia com a protagonista Elsie instigando os leitores para a percepção da subjetividade dos bovinos, ao narrar que as vacas pensam e possuem sentimentos e fazem graça, embora, mesmo que muitas pessoas não acreditem nisto (pág. 9). Os bovinos realmente possuem sentimentos (Ede et al, 2019). Na percepção do estudo, o ato de pensar pode ser colocado como a capacidade cognitiva, não propriamente o raciocínio. Assim como o fazer graça, pode ser visto como o comportamento lúdico. Isto tudo mostra ao leitor que os animais são seres sencientes, que respondem ao meio e aos outros, possuem memória, avaliam riscos e expressam sentimentos e algum grau de consciência (Broom & Fraser, 2010). Ainda neste começo (págs. 9 e 10), ela comenta sobre a comunicação animal, e sobre a hierarquia social do seu grupo. Em alguns momentos da obra ela conversa sobre seus sentimentos com a sua melhor amiga, a vaca Mallory. Hoje em dia sabe-se que os bovinos podem exibir o que sentem para outros animais do grupo por terem vocalizações diferenciadas para cada valência emocional (Green et al, 2020), além de um indivíduo desta espécie apresentar preferência de outros indivíduos em um grupo social, como comportamento afiliativo verificado por meio de lambidas (Machado et al, 2020). Ela também comenta da hierarquia social (Gonsalves Neto et al, 2009) que existe no grupo (pág. 13). Sendo uma parte importante para a saúde mental dos animais (Broom & Fraser, 2010).

A narrativa expressa as emoções de Elsie durante sua trajetória. Talvez, uma das

partes mais importantes é a questão da separação de sua mãe (pág. 12 e outros momentos), o que causou a ela tristeza e traumas. Em sua pesquisa, Daros et al (2014) concluiu que a separação da mãe provocou emoções negativas aos bezerros, sendo assim, um problema de bem-estar animal na bovinocultura leiteira. Para Grandin (2008), as emoções negativas geram memórias com valência emocional negativa que podem se refletir de forma duradoura. Contudo, ela também teve momentos de alegria e prazer em sua história. Algumas vezes, esses momentos estavam relacionados ao manejo e ao tratamento que o ser humano teve para com ela, porém sabe-se que a interação humano-bovino também gera emoções como o medo (Honorato et al, 2012). Uma vez que as emoções têm valência, sejam positivas ou negativas, elas resultam das interações ou situações positivas ou negativas que o animal passa (Boissy et al, 2007). Outras emoções interpretadas podem ser a empatia e a compaixão presentes no capítulo “O Deus Caixa”, quando ela conhece como as outras espécies animais são tratadas pela indústria (págs.39-41), isto fez com que ela se sentisse mal por eles. Wohlleben (2019) em seu livro tenta buscar em estudos científicos um meio para discutir isto, e um dos exemplos utilizados por ele foi o de ratos que foram submetidos a assistirem o sofrimento de outros indivíduos da mesma espécie em uma situação dolorosa, tiveram mais dor do que aqueles que não viram o mesmo ato.

Muito do que é escrito pelo Duchovny sobre os bovinos pode ser interpretado como possível da protagonista Elsie ser uma vaca normal, encontrada em muitas criações de bovinocultura leiteira pelo mundo, principalmente a ocidental, que frequentemente há o bem-estar animal como prática de manejo. Pode-se então, colocá-la como uma vaca feliz, embora possua um trauma que a prejudica em sua vida em alguns momentos. A antropomorfização encontrada é que ela tem consciência de sua utilidade para o ser humano e o que o futuro na indústria reserva a ela. O que em um animal de verdade não há, ou, ao menos não se sabe, que animais projetem o futuro distante, motivo pelo qual a deixou em estado de depressão, chamado por ela de “cão negro” (pág. 55). Não há evidências de que os animais pensam dessa mesma maneira. Entretanto, segundo Broom & Fraser (2010) e Fureix et al (2012), os animais possuem estados de depressão.

A forma de linguagem da obra pode afetar o leitor, mas pode fazer influência para uma “saída da caverna”, ocasionando a percepção das capacidades subjetivas dos animais que ainda são utilizadas, podendo provocar nas pessoas um problema ético (Rounet & Carvalho, 2018), visto mais adiante nesse artigo.

Bovinidade

A história tem como foco a busca da vaca Elsie para saber o significado do seu “Eu”, da sua identidade. No começo do livro, a Elsie é descrita como uma vaca da raça Holandês que vive numa fazenda leiteira, com sua rotina pré-estabelecida que acontece todos os dias (págs. 15 e 16). Ela parece estar satisfeita com essa vida, que foi imposta pelo ser humano a ela, mesmo antes de seu nascimento, pois sua raça teve o melhoramento genético a partir das técnicas de reprodução assistida, como a Inseminação Artificial, para produzir mais leite para o ser humano (Miranda & Freitas, 2009). Ela é da espécie *Bos taurus taurus* (Gado Europeu), de uma raça que já teve mudanças provocadas para que tenha a sua própria aptidão que satisfaça o ser humano (Short & Lawlor, 1992). Portanto, ela passa a viver o seu significado na construção social (e genética) criada pelas pessoas da sociedade em que está inserida. Neste trecho a seguir, a Elsie é retratada como uma personagem alienada, que está contente com a vida que leva e que não tem a consciência do que ocorre realmente na vida dela, porém, não quer que suas crias sejam tiradas delas como ela foi separada de sua mãe:

Simple, né? Acordar, ser ordenhada, comer, passar o dia no pasto, ser ordenhada, ouvir uma história, dormir. Para mim, bastava. Nunca quis nada além disso. Nunca tive vontade de morar em outro lugar. E desejava a mesma coisa para minhas filhas e para as filhas delas, até o fim dos tempos, mesmo não conseguindo me imaginar abandonando minhas meninas do jeito que minha mãe me abandonou. (pág. 16).

Mais adiante na obra, ela passa a explorar o mundo exterior ao seu piquete. No próximo trecho remete o momento em que ela começa a sair da caverna, ou seja, da ignorância e da alienação em que ela vivia. É quando ela sai de seu piquete. Segundo a protagonista “A porteira se abre para um mundo novo. Mallory e eu estamos tão empolgadas” (pág. 27). Foi nesta saída que encontrou o Deus Caixa, que a levou a conhecer o que o ser humano faz com os animais de produção.

Sabe aquelas horas na vida em que você sabe que tudo vai mudar? Quando os sentidos são amplificados e o tempo parece parar e avançar de uma vez só? Foi assim que me senti. Diante da porteira destrancada, para disfarçar meu medo, sério, porque eu estava tão assustada que já tinha soltado uns dois barros pelo caminho, eu digo para Mallory, me permitindo a audácia de uma piadinha: “Um pequeno passo para uma vaca, mas um grande salto para a bovinidade...” E abro a porteira com o focinho. Fácil assim. Um mundo inteiro se transforma com essa facilidade. Com um empurrãozinho de porteira com o focinho, com um passo, um

passo e você não pode voltar atrás, as coisas nunca mais serão como antes. Já viu vaca andando de ré? Não. Não rola, não está em nossa natureza andar para trás. (pág. 31)

Depois que ela descobre a verdade, de como os animais são tratados e utilizados pelas pessoas, ela desperta de sua alienação que o ser humano impôs e quer descobrir sobre o seu “Eu”. Uma das primeiras coisas que ela tenta acabar é com o seu nome, pois ele foi dado pelos seres humanos. Ela quer ser chamada de Elsie Q, sendo que este “Q” é de “quem”, talvez, por ser o momento em que ela se pergunta quem ela é, que ela não quer mais a vida que ela tem com as pessoas.

Eu me recusei a ser chamada de Elsie porque era assim que os humanos daqui gostavam de chamar todas as vacas, e pedi aos outros animais que me chamassem de “Elsie Q” porque não sabia qual era o meu sobrenome verdadeiro, o Q sendo a inicial de “Quem?”. Sagaz, né? (pág.61)

Nesta busca sobre quem ela é, a protagonista de David Duchovny descobre como as vacas são tratadas na Índia, que é o oposto ao tratamento que ela recebe em sua terra natal, os Estados Unidos da América (ou ocidente). Com isto, ela quer se mudar para Índia, pois lá ela seria tratada bem e não teria uma finalidade para o ser humano que custaria sua vida ou a separação de suas crias. Então, ela parte para este país, mas antes, precisa pegar um avião, o que contou com a ajuda de um porco que queria ir para Israel, pois preferiria ser odiado do que ser morto para o consumo humano, e de um peru que queria fugir para Turquia com o medo da celebração do dia de ação de graças. Considerando que na língua inglesa o país Turquia tem o nome de Turkey, que também significa peru (animal) nesta língua, o autor pode ter feito esta colocação, onde o peru, companheiro de fuga de Elsie, imaginasse que em um país com o mesmo nome do animal, ele nunca seria sacrificado, talvez até fosse idolatrado. Na viagem de avião, uma passageira falou que os passageiros eram tratados como bovinos, que é uma figura de linguagem para dizer que eram tratados como um lote de animais irracionais, e por isso Elsie imaginou que seriam todos mortos para serem comidos. É uma linguagem irônica, que leva o leitor a interpretar os significados que o ser humano dá aos bovinos.

Eles nos tratam como gado aqui, como vacas.

Como vacas, pensei, quer dizer que eles vão nos abater e nos cortar em pedaços e depois nos comer? Acho que não. Mas, porque não sei falar, fiz a única coisa que podia para demonstrar que havia escutado. Mugi. — Muuuuuuuu — falei. A moça riu. — Isso, como umas

danadas de umas vacas, muuuu. Continuei mugindo porque era só o que eu conseguia fazer.

Ela exclamou: — Uau, muito boa essa sua imitação de vaca!

Abri um sorriso e mugi, e mostrei para ela alguns dos outros sons do meu repertório bovino, e logo ela gargalhava, tendo se esquecido de que estava chateada; e, em pouquíssimo tempo, fez com que todo mundo no avião participasse da brincadeira e mugisse. (pág.143)

No caminho para Índia, ela passa pelo oriente médio em pleno ambiente de conflito, o que fez com que ela refletisse sobre como as pessoas são capazes de se dividir em grupos e brigar entre si por conta de suas diferenças. Neste ponto, a bovinidade pode ser interpretada como metáfora, pois para Elsie, todas as vacas são iguais, sem distinção, que é uma metáfora que o autor propõe, para o ser humano ver como igual o semelhante. Nesta parte da leitura, a animalidade e o devir-animal fazem parte do ser humano, não da questão animal. Porém, ainda pode-se pensar dentro dos objetivos do artigo, pois vaca seria vaca.

Pessoalmente, não entendi nada. Para mim, todos se pareciam com pessoas, todos parte do rebanho do deserto, e, no fim das contas, para as vacas todas as pessoas são parecidas. Nós, os bovinos, temos um ditado que vocês deviam adotar: “Algumas pretas, algumas brancas, algumas brancas e pretas, algumas amarelas, todas vacas.” (pág. 160)

Quando chegaram na Índia, a protagonista teve suas expectativas correspondidas ao que foi estudado por ela sobre o país: ela era muito respeitada mesmo que em um ambiente de pobreza (págs. 185; 187 e 188), e ela não seria morta para alimentação, o que estimulou a alegria nela. Contudo, mesmo neste lugar, ela foi obrigada se definir para ser aceita, pois as vacas indianas eram sagradas, se achavam superiores aos outros animais, e a protagonista tinha amigos de outras espécies. Isto a fez concluir que ela era um animal como qualquer outro, inclusive o ser humano (pág.192). Um destaque deste trecho é quando a Elsie se definiu como “animal” ao ser questionada pela vaca matriarca das vacas sagradas indianas, que disse não ter sido respondida. Isso pode ser visto como uma rejeição de que apenas “animal” não pode definir quem seria ela. A protagonista se decepcionou com sua experiência, e por fim, voltou para sua casa e a ter sua antiga vida.

— Então agora é com você, vaca norte-americana. Você é deusa ou animal? Pense antes de responder, pois vamos expulsá-la do nosso círculo se sua resposta não for do nosso agrado.

— Sou uma vaca — falei.

— Você não respondeu à minha pergunta — a matriarca continuou. —

Decida. Eu perguntei se você era deusa ou animal.
— Sou as duas coisas — falei.
— Escolha uma — insistiu ela. — Escolha uma ou não escolha nada.
— Sou um animal — escolhi. — Nem mais, nem menos. (pág. 195).

É possível de interpretar que o autoconhecimento que a protagonista buscou se baseou somente nas experiências ditadas pela sociedade humana, isto é, ela continuava sendo uma construção social do ser humano, já que ela não teve autonomia de sair da influência da dos humanos para se descobrir numa outra cultura de vacas, que talvez desse um significado diferente para sua espécie. Elsie acaba por se definir como um animal sem definir o seu “Eu”, deixando ao leitor a possibilidade de criar a sua própria definição do que é ser bovino, que no fundo tem sido uma decisão do ser humano. Ela será o que será útil para a humanidade?

Para pensar nesta procura do autoconhecimento, o psicanalista austríaco Freud colocava a definição do “Eu” junto do outro, sendo o “Eu” parte da alteridade ou do encontro com o outro, com quem o “Eu” se identifica, ainda, o “Eu” está na constituição do “ID”, ou “identidade”, que de acordo com Lapsley & Stey (2012), faz parte da natureza filogenética do ser, que se transforma conforme a situação do momento (Moreira, 2009). De certa forma, não teria como a Elsie procurar o seu “Eu” sem o outro, humano ou animal, como no caso que ela se compara com sua “BBF” (Best Friend Forever ou melhor amiga para sempre, em tradução livre) Mallory, que prefere ficar na fazenda do que fugir do seu destino, por mais oposto que seja, a personagem Mallory se torna o espelho no qual a Elsie encontra o seu “Eu”, tanto que, a protagonista pensa que sua amiga é bem mais destemida do que ela própria. Em termos práticos, pode-se pensar que o “Eu” da vaca, tem suas características intrínsecas ao ethos da espécie, mas também à ação externa do ser humano e à convivência com o(s) outro(s). Porém, a questão principal é que algumas pessoas utilizam estes animais para fins que podem significar a morte deles, com perda de qualidade de vida e de saúde durante o processo.

Provocação ética

Spinoza foi um filósofo que falava sobre os encontros felizes e tristes, dependendo de quem ou com o que será o encontro (Azevedo, 2017). Na vida de Elsie não era diferente, ela era ordenhada pelos filhos do dono da fazenda, o mais velho que a maltratava (pág. 23), enquanto o filho do meio tinha muito carinho por ela, tratamentos que na prática podem contribuir para diminuir ou aumentar a produção de leite (Honorato et al, 2012; Hotzel et al,

2005). Porém, depois de ter saído do “piquete da ignorância”, o encontro com o tratador positivo não foi mais o mesmo. Como visto a seguir:

Sempre gostei do filho do meio, ele era delicado, e gostava de falar comigo enquanto me ordenhava, de me contar seus problemas na escola, com seus pais, com o desagradável do irmão mais velho. Acho que ele pensava que era seguro falar comigo, que eu não entendia uma palavra do que ele dizia. E que eu estaria sempre ali quando ele precisasse. Mas não hoje. Hoje, eu odiava as pessoas. Todas elas. E acho que isso estava afetando meu leite, pois o menino ficava me perguntando, “Qual é o problema, garota?”, e segurando meu rosto, e olhando bem fundo nos meus olhos, e acariciando minha cabeça, o que normalmente me deixava feliz, mas hoje tudo o que eu queria era cuspir ou bater nele. Então foi isso que eu fiz. Acertei o queixo do menino com minha testa, o que fez com que ele e o balde de leite rolassem pelo chão. (pág. 53)

As reflexões acerca desta parte da obra levaram o autor desse artigo ao pensamento de que o bem-estar animal pode servir de alienação para o ser humano, assim como era para a vaca Mallory, pois, mesmo com um manejo com afetividade positiva e que promova uma vida com as liberdades propostas (OIE, 2020), os animais continuam a ser explorados em benefício dos seres humanos. O leite continua a ser tirado, a cria ainda é separada da mãe e, no final, os animais são abatidos. Levando em consideração isto, este movimento para uma criação e uso mais ético com os animais deve cuidar para que não caia na banalidade do mal, proposto pela Hannah Arendt quando viu o julgamento de Eischman em Jerusalém. Segundo ela, este acusado do Holocausto respondia às perguntas de forma cínica e com clichês, era como se fosse um palhaço, já que tinha pouca capacidade de reflexão ética. A justificativa dele para fazer seu trabalho no campo de concentração de Auschwitz é que ele era apenas um profissional que cumpria ordens (Andrade, 2010). Comparativamente, se o campo de concentração fosse um *spa* e Eischmann o coordenador das atividades que dá bem-estar para seus hóspedes, e mesmo assim, no final acabassem em uma câmara de gás, ele seria ético? Lógico que não. O que parece, durante a leitura da obra, é que o bem-estar não pode ser uma forma de desculpa para que ainda ocorra exploração e desrespeito à natureza dos animais, como também, uma forma de fazer que algumas pessoas se sintam isentas ao se manterem sob às custas da produção animal exploratória. Por isso, é uma alienação. Em um dos momentos da obra, o porco Jerry (Shalom) insinua que a fazenda era como se fosse um holocausto. (pág. 76)

Outro ponto que pode ser discutido é que os animais se tornam o outro-narcísico. Moreira (2009) descreve que segundo Freud, a mãe e o pai não amam seu filho por ser seu filho, mas por projetarem algo nele e amar esta projeção. O personagem irmão do meio tinha

nas vacas o seu sustento e uma forma de amizade, isto é, ele a projetava como uma amiga, mas também como uma máquina de produção, e era este o significado de bovinidade dela, segundo a visão dele e em que ela vive. Não a amava de verdade, somente o seu lucro e o bem que fazia para ele. Ou os Indianos, que projetam nelas uma mística sagrada, mas obtém delas o adubo para a terra e o leite (pág. 190). Enfim, não importa como o ser humano trate o animal ou argumenta para justificar suas ações, o fim será o mesmo, e é o que pode ser entendido no trecho seguinte:

Então entendem apenas com a cabeça, com o intelecto, porque, se entendessem com o coração e com a alma, eles mudariam, mudariam e reingressariam no reino animal, e ficariam orgulhosos de ser chamados de animais de novo. Até que esse dia chegue, vou continuar batendo a cabecinha deles na parede. Não se pode simplesmente usar os elos da cadeia alimentar no pescoço como se fosse uma corrente ou um balangandã. Você faz parte disso e, se continuar tratando o assunto com desdém, esta corrente vai estrangulá-la. (pág. 60).

Em diversas vezes durante as passagens do livro, David Duchovny (o cow-autor) coloca que o objetivo do livro é o entretenimento, e na verdade, pode ser compreendido que de ele queria passar uma mensagem sobre ética e direitos dos animais de forma leve e descontraída, para assim, gerar a dissonância cognitiva nos seus leitores, que é um termo da psicologia que explica a sensação de quando uma pessoa passa por uma situação na qual enfrenta suas convicções e, a partir deste sentimento, a pessoa pode mudar o que faz, ou continua fazendo da mesma maneira, ou, ao menos, inventa uma desculpa para continuar suas atitudes (Martins, 2015). Nesta obra é apresentada a subjetividade dos bovinos e o que a indústria faz com eles, o que pode gerar um pensamento que sensibilize o leitor pela causa animal, podendo levar à mudanças de hábitos. Por outro lado, pode cair no conceito de esquizofrenia moral, do paradoxo que mesmo os humanos considerando os animais como seres sencientes e capazes de sentir emoções, continuam a usá-los, pois os animais são considerados como propriedades do ser humano (Rouanet & Carvalho, 2018). Ao final, depois de alguns capítulos que mexem com as convicções do leitor, podendo chegar até num pensamento radical, o livro termina com uma reflexão de uso benevolente dos animais:

E sei que uma vida como a que Mallory leva pode ser digna e respeitável, que você pode passar muitos anos numa fazenda, ter filhotes e depois ser sacrificado para servir de alimento para alguém. Há uma beleza simples e circular nisso. Como todas as vacas, sou vegetariana, mas não sou ingênua o suficiente para pedir a um tigre que se abstenha de carne para comer broto de feijão. Somos todos animais e temos nosso lugar no ventre da Mãe Natureza. Só os humanos se separaram da grande cadeia do ser

e de todos os outros animais, em prejuízo de si próprios, acho. E, infelizmente, de nós. Não consigo ser mais uma no rebanho. Quero ser ouvida. (pág. 199)

O ponto de vista desta obra se assemelha com o que foi discutido por Bonella (2018), que escreve que como os animais não possuem consciência do futuro nem são autoconscientes, o que importa para eles é o tempo presente e ter uma vida digna. Os animais reais, diferente da protagonista Elsie, não parecem compreender o seu uso pelos seres humanos, ou compreender seu destino para morte. Então, ter vivido uma vida prazerosa e ser substituído por outros animais que estarão em seu lugar após sua morte, serve como compensação e justificativa para o fim da sua vida. Em resumo, na percepção humana, de que os animais vivem diante do agora, e por isto não necessitariam do direito à continuidade da vida, pode ser a justificativa da destinação exploratória. Talvez, como dito pela personagem bovina, não há como o ser humano escapar de sua natureza onívora (ou, como um ser que precisa de entretenimento, que possui uma vida cultural, com memória afetiva e ter necessidade de lucro, ou ainda, de uma amizade verdadeira) mas, é de escolha individual do ser humano como tratar o animal sob sua tutela, ou como o sistema de produção animal trata a vida animal, e como isto tudo tem significado do o seu “Eu”, pois é cabível ao ser humano proporcionar ao animal uma vida com emoções positivas (Boissy et al, 2007) e saudável no ponto de vista do ser visto integralmente ou de uma vida cheia de comportamentos anômalos (Malafaia et al., 2011).

As implicações éticas do ser humano “sair da caverna” e perceber isto afeta o seu modo de vida e de consumo, como aponta a pesquisa de opinião do público feita por Cardoso et al (2018), na qual 581 pessoas ficaram diante de dois possíveis cenários de uma granja leiteira: animais com ou sem acesso ao ar livre; e primeiramente as pessoas preferiam que as vacas estivessem no ar livre. Porém, quando o assunto se tratava do estresse térmico, optaram pelo sistema de produção em alojamento, por ter como melhor controlar o ambiente, no final preferindo este fator para optar o manejo que parecia mais adequado. Em outra pesquisa de opinião realizada por Hotzel et al (2017), as pessoas que residem em áreas urbanas não concordavam com as práticas em que os animais não tinham acesso ao pasto e na separação do bezerro da mãe, como ocorreu com a protagonista de Duchovny (2016), pois sabiam que isto fere o bem-estar dos animais. Houve uma breve explicação dos manejos já que muitos desconheciam, o que ajudou na rejeição das práticas, mas não na totalidade dos entrevistados.

Ao final do livro, Elsie se conforma com seu papel na cadeia de produção, e diz ser um papel digno e respeitável, mas isso acarreta sua morte precoce, coisa que ela não deveria

aceitar. Porém, a história pode despertar no leitor o pensamento da importância dos animais de produção para a existência da sociedade e ao respeito aos animais pelo seu importante papel no desenvolvimento humano. Por fim, para Schopenhauer, a ética teria como origem a compaixão (Hayashi, 2018) e uma forma de ter compaixão é entendendo que os animais, possuem, sim, a consciência e que sofrem, como também podem ter alegria, conforme o tratamento que os humanos fazem. Que é a interpretação e função do livro de Duchovny (2016).

4. Considerações Finais

A obra foi escrita em tom cômico e em primeira pessoa a partir da narração da protagonista animal, sugestivamente para gerar a compreensão da subjetividade dos animais e assim provocar a ética do ser humano, assim como para que o leitor também identifique o seu “Eu” e seu devir-bovino na vaca Elsie. Contudo, os animais continuarão a serem ainda explorados de diversas formas para o bem da cultura humana na qual estão inseridos, e nem todas elas são capazes de não causarem algum tipo de sofrimento aos animais, ou ainda, não terão uma vida feliz o tempo inteiro, como retratado na personagem Elsie, que pode ter uma percepção de vida plena, apesar de no seu inconsciente ainda existirem traumas oriundos das práticas de manejo feitas pelos humanos, que em certas situações voltavam à tona lhe trazendo sofrimento. Por fim, a obra propõe aos leitores a terem uma outra visão dos animais, uma visão mais ética, para entender a bovinidade além da construção social, que também interfere no “Eu” dos animais, no que é a sua natureza, e que as escolhas dos seres humanos podem interferir no exercício do animal em ser ele mesmo.

Conflito de interesses

O primeiro autor deste artigo se alimenta de carne bovina, suína, frango e peixe, bebe leite, consome seus derivados e mel. Assim como a terceira autora. A segunda autora não consome carne, porém utiliza leite e seus derivados. Este trabalho é apenas uma provocação teórica que a obra literária proporcionou, que se considera, como visto ao longo dele, uma importante questão social contemporânea. Então, está alinhado com o pensamento utilitarista.

Agradecimentos

Primeiramente a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). A Juliana Dorneles e professora de Dra Maria José Hotzel por ter lido e incentivado a realização deste artigo. Como também, os bovinos: Silvestrino, Dora, Poderosa, Anônimo, Zelena, Dumbo, Selfie, Regina e entre muitos que ajudaram a perceber que há algo além deles que a sociedade humana os define.

Referências

Andrade, M. (2010). A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas. *Revista Brasileira de Educação*, 15(43),109-125. DOI: 0.1590/s1413-24782010000100008.

Azevedo, L. G. N. (2017). Ethics of joy and encounter: Elucidations of Spinoza and psychodramatic perspectives. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 25(1), 78-85. DOI: 10.15329/2318-0498.20170009.

Baratay, É. (2015). Pourquoi prendre le point de vue animal? *Religiologiques*. 32, 145-165.

Boissy, A., Manteuffel, G., Jensen, M. B., Moe, R. O., Spruijt, B., Keeling, L. J., Winckler, C., Forkman, B., Dimitrov, I., & Langbein, J. (2007). Assessment of positive emotions in animals to improve their welfare. *Physiology & Behavior*, 92(3), 375-397. DOI: 10.1016/j.physbeh.2007.02.003.

Bonella, A. E. (2018). Sobre o uso benevolente dos animais. In: Rouanet, L. P. & Carvalho, M. C. de. *Ética e direito dos animais* (pp. 29-43). Florianópolis: Editora Ufsc.

Brauer, J. F. (1994). O outro em Lacan: conseqüências clínicas. *Psicol. Usp*, 5(1/2), 309-333.
Broom, D. M. & Fraser, A. F. (2010). *Comportamento e bem-estar de animais domésticos*. Baueri: Editora Manole.

Cardoso, C. S., Von Keyserlingk, M. A. G., Hötzel, M. J., Robbins, J., & Weary, D. M. (2018). Hot and bothered: public attitudes towards heat stress and outdoor access for dairy

cows : Public attitudes towards heat stress and outdoor access for dairy cows. *Plos One*, 13(10), 1-14. DOI: 10.1371/journal.pone.0205352.

Daros, R. R., Costa, J. H. C., Von Keyserlingk, M. A. G., Hötzel, M. J., & Weary, D. M. (2014). Separation from the Dam Causes Negative Judgement Bias in Dairy Calves. *Plos One*, 9(5), 1-5. DOI: 10.1371/journal.pone.0098429.

DeMello, M. (2013). *Speaking for Animals: Animal Autobiographical Writing*. New York: Routledge.

Duchovny, D. (2016). *Holy Cow: uma fábula animal*. Rio de Janeiro: Record.

Ede, T., Lecorps, B., Von Keyserlingk, M. A. G., & Weary, D. M. (2019). Symposium review: scientific assessment of affective states in dairy cattle. *Journal Of Dairy Science*, 102(11), 10677-10694. DOI:10.3168/jds.2019-16325.

Fureix, C., Jegou, P., Henry, S., Lansade, L., & Hausberger, M. (2012). Towards an Ethological Animal Model of Depression? A Study on Horses. *Plos One*, 7(6), 1-9. DOI: 10.1371/journal.pone.0039280.

Garim, L. C., & Montoito, R. (2019). A Literatura como potencializadora de discussões no campo da educação: os saberes de Edgar Morin em discussão no livro *Holy Cow: os saberes de Edgar Morin em discussão no livro Holy Cow*. *Revista Thema*, 16(2), 381-390. DOI: 10.15536/thema.v16.2019.381-390.1117.

Gonsalves Neto, J., Teixeira, F. A., Nascimento, P. V. N., & Marques, J. A. (2009). Comportamento social dos ruminantes. *Revista Eletrônica Nutritime*, 6(4), 1039-1055.

Grandin, T. (2008). *Mental Well-Being in Farm Animals: How They Think and Feel*. Mental. In: McMilliam, F. (Orgs). *Health And Well-being In Animals* (pp243-257). Iowa: Blackwell Publishing.

Green, A., Clark, C., Favaro, L., Lomax, S., & Reby, D. (2019). Vocal individuality of Holstein-Friesian cattle is maintained across putatively positive and negative farming contexts. *Scientific Reports*, 9(1), 1-9. DOI: 10.1038/s41598-019-54968-4.

Guida, A. M. (2011). Literatura e estudos animais. *Raído*, 5(10), 287-296.

Hayashi, Y. (2018). A estrutura da Ética da Compaixão de Schopenhauer em relação à Filosofia Transcendental. *Revista de Filosofia Aurora*, 30(49), 255-269. DOI: 10.7213/19805934.30.049.ds12.

Honorato, L. A., Hötzel, M. J., Gomes, C. C. M., Silveira, I. D. B., & Machado Filho, L. C. P. (2012). Particularidades relevantes da interação humano-animal para o bem-estar e produtividade de vacas leiteiras. *Ciência Rural*, 42(2), 332-339. DOI: 10.1590/s0103-84782012000200023.

Hötzel, M. J., Cardoso, C. S., Roslindo, A., & Von Keyserlingk, M. A.G. (2017). Citizens' views on the practices of zero-grazing and cow-calf separation in the dairy industry: does providing information increase acceptability?. : Does providing information increase acceptability?. *Journal Of Dairy Science*, 100(5), 4150-4160. DOI: 10.3168/jds.2016-11933.

Hötzel, M. J., Machado Filho, L. C. P., Yunes, M. C., & Silveira, M. C. A. C.(2005). Influência de um ordenhador aversivo sobre a produção leiteira de vacas da raça Holandesa. *Revista Brasileira de Zootecnia*, 34(4),1278-1284. DOI: 10.1590/s1516-35982005000400024.

Junqueira, A. M. (2013). Resenha- O animal escrito de Maria Esther Maciel. *Revista FronteiraZ*, (11), 301-306.

Lapsley, D. K., & Stey, P. C. (2012). Id, Ego, and Superego. *Encyclopedia Of Human Behavior*, 393-399, 2012. DOI: 10.1016/b978-0-12-375000-6.00199-3.

Machado, T. M. P., Machado Filho, L. C. P., Daros, R. R., Machado, G. T. B. P., & Hötzel, M. J. (2020). Licking and agonistic interactions in grazing dairy cows as indicators of preferential companies. *Applied Animal Behaviour Science*, 227, 1-24. DOI: 10.1016/j.applanim.2020.104994.

- Maciel, M. E. (2007) Zoopoéticas contemporâneas. *Remate de Males*, 27(2), 197-206.
- Malafaia, P., Barbosa, J. D., Tokarnia, C. H., & Oliveira, C. M. C. (2011). Distúrbios comportamentais em ruminantes não associados a doenças: origem, significado e importância: origem, significado e importância. *Pesquisa Veterinária Brasileira*, 31(9), 781-790. DOI: 10.1590/s0100-736x2011000900010.
- Martins, R. P. (2015). Ciência e a dissonância cognitiva. *Rev Clín Ortod Dental Press*. 14(4), 5-6.
- Middelhoff, F. (2017). Literary Autozoographies: Contextualizing Species Life in German Animal Autobiography. *Humanities*, 6(2), 1-26. DOI:10.3390/h6020023.
- Miranda, J. E. C., & Freitas, A. F. (2009). Raças e tipos de cruzamentos para produção de leite: heterose ou vigor de híbrido. Juiz de Fora: Embrapa, 2009. 12 p. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/737102/1/CT98Racasetiposdecruzamentos.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2020.
- Moreira, J. O. (2009). Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade: da identidade à alteridade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(1), 233-247.
- Morpurgo, M. (2011). *Cavalo de Guerra*. São Paulo: Wmfmartinsfontes.
- Nabais, C. P. (2009). Homem/animal: arte como anti-humanismo. In: Kohan, W. O. & Xavier, I. M. *Abecedário de criação filosófica* (pp. 115-119). Belo Horizonte: Autêntica.
- OIE (2020). What is animal welfare?. Disponível em: < <https://www.oie.int/en/animal-welfare/animal-welfare-at-a-glance/>> Acesso em: 17 de Dezembro de 2019 às 8h.
- Pinheiro, L. (2011). Rizoma-pixo, devir-rato. *Concinnitas*, 2(19), 139-145.
- Queirós, A., José V. (2008). Os bastidores da caverna de Platão (entrelinhas de uma alegoria). *O Que Nos Faz Pensar*, 17(24), 95-115. Recuperado de <http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/263>

Rosenbaum, Y. (2011). Literatura e Psicanálise: Reflexões. Revista FronteiraZ, (7), 1-9.

Rouanet, L. P., & Carvalho, M. C. de. (2018) Ética e direito dos animais. Florianópolis: Editora UFSC.

Sewell, A. (2015). Beleza Negra: Autobiografia de um cavalo, traduzido do original equino. Balneário Rincão/SC: Dracacena.

Short, T. H., & Lawlor, T. I. (1992). Genetic Parameters of Conformation Traits, Milk Yield, and Herd Life in Holsteins. Journal Of Dairy Science, 75(7), 1987-1998. DOI: 10.3168/jds.s0022-0302(92)77958-2.

Teixeira, L. C. (2005). O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. Psychê, 9(16), 115-132.

Vasconcellos, J. (2005). A ontologia do devir de Gilles Deleuze. Kalagatos, 2(4), 137-167.

Wohlleben, P. (2019). A Vida Secreta dos Animais. Rio de Janeiro: Sextante.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

João Paulo Novelletto Pisa – 45%

Sharon Muriel Zantut Jansen - – 35%

Denise Pereira Leme- 20%